

Foi a irmandade instituída ainda no anno de 1630, e os *Escravos* começaram logo de principio a usar as insignias?

A falta do «compromisso» ou «estatutos» inibe-nos de responder a esta interrogação. É verdade que o trabalho tosco das duas variantes curiosas que notámos nos poderia talvez levar á conclusão de que essas seriam usadas na primitiva e que as outras mais perfeitas fossem usadas posteriormente, mas não nos é licito fazer tal affirmação.

O que é positivo é que estas medalhas já eram usadas pelos *Escravos* no tempo de D. João V, porque dois livros d'aquella epoca no-lo attestam: o *Anno Historico*, escrito em 1713 e o *Diccionario* do padre D. Raphael Bluteau, do mesmo anno, que na palavra «insignia» nos diz: *tambem assim se chama a medalha das Irmandades, particularmente em Lisboa a de Santa Engracia.*

É curioso notar que na medalha descripta com o n.º 2 está reproduzida uma das visões de Maria do Lado (*Compendio da sua vida*, pag. 54): «vio a dous Anjos mui formosos e gloriosos, que iam levantando da terra para o Ceo o Santissimo Sacramento; pegando cada qual da sua parte em hum calix, e hostia do tamanho, e forma d'aquelles, que depois trouxe no peito, e suas companheiras».

Segundo a regra do convento do Lourical, *que foi milagrosamente revelada* a Maria do Lado (*Historia da fundação citada*, pag. 190, 193 e sqq.), as freiras tambem usavam, no escapulario, uma insignia bordada, de grandes dimensões, que representava um calix e hostia.

Junqueira, Julho de 1905.

ARTHUR LAMAS.

Archeologia de Trás-os-Montes

Concelho de Alijó

Instrumentos do periodo neolithico e castros luso-romanos

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, II, 264)

Depois das minhas informações n-*O Arch. Port.*, IV, 180, acôrca dos objectos de Parafita, foi-me offerecido um objecto de pedra com aspecto marmoreo de côr roxa, espalmado, tendo de comprimento 0^m,120, de maior largura 0^m,050 e de 0^m,012 de espessura, com uma falha no vertice, devida a uma fractura por qualquer choque de instrumentos agrarios, que lhe tirou quasi metade da largura e entrou pelo corpo do instrumento na extensão de 0^m,026.

É um lindo instrumento, perfeitamente alisado e polido, com uma depressão natural da grandeza e forma de uma amendoa numa das faces, do que resulta ser muito facil a prehensão e segurança d'elle.

Não conheço outro objecto d'esta pedra que parece fibrolitho.

Appareceu na Balça, freguesia de Villa Verde, num campo cultivado, e foi levado para Alijó ao meu amigo Torquato de Magalhães, que m'o cedeu ha annos já.

De Villa Verde tambem obtive, por intervenção do negociante Joaquim Rodrigues, um machado de diorite, semelhante na pedra e configuração aos de Moncorvo, cuja noticia saiu n-*O Archeologo*.

Foi encontrado por uns trabalhadores, ao abrirem um poço, a bastante profundidade, perfeitamente conservado. É de dimensões regulares, e está hoje em poder do professor da Escola Industrial de Vianna, o meu muito bom amigo Serafim das Neves, um dos mais felizes colleccionadores de moedas, estofos e moveis nas provincias do norte.

A freguesia de Villa Verde, a que pertence a necropole de Parafita, tem situados na sua area tres castros luso-romanos (?), denominados Cêrca, Ascra e Castello da Murada.

D'estes o mais importante, e muito, é o da Balça, que os habitantes chamam o *castello da Murada*.

Está situado numa collina que domina uma grande area para os quatro pontos cardeaes e, para a epoca, devia ser um ponto strategico de grande importancia.

É da fôrma do vertice da collina, mais ou menos arredondada, com tres fossos para o NW. apenas, porque os outros lados são quasi aprumados; apresenta trincheiras bem conservadas e solidas, uma unica porta e bastante larga, para a qual se subia por uma calçada de leve inclinação.

Em varios pontos da area do castro encontram-se penedos com buracos redondos de varias dimensões e a NE. um grande buraco circular, que parece ser a boca e porta de uma cisterna obstruida pelo desabamento das paredes.

Chamo a attenção dos competentes para este monumento, a que se póde chegar sem grandes sacrificios, porque está situado junto da estrada de Villa Real a Bragança.

A poucos kilometros d'este castro existe o de Souto de Escarão, freguesia da Torre, que me dizem ser tambem grande, mas que não vi ainda. Está situado num outeiro e vê-se a grande distancia.

Ao poente, por cima de Pinhãocéle, na serra, ha outros tambem que nunca pude visitar.

Villa Real, 31 janeiro de 1902.

HENRIQUE BOTELHO.